

Património enigmático: os Portugueses na memória colectiva na Minahasa

Maria Johanna Schouten*

Resumo

Entre os habitantes da Minahasa, no nordeste da Indonésia, é comum indicar certos fenómenos como “portugueses”, ou “de origem portuguesa”. Trata-se de nomes, palavras, expressões musicais ou coreográficas, objetos móveis e imóveis, que, segundo a população, comprovam uma prolongada presença de portugueses na sua região. Esta interpretação contrasta com aquela de historiadores académicos, que encontraram nas suas fontes apenas referências a algumas breves visitas por portugueses, no século XVI. Neste artigo, referente a uma pesquisa em curso, apresentam-se algumas narrativas contemporâneas da população da Minahasa acerca duma presença dos portugueses na sua zona, bem como representações sobre os lusitanos existentes na população. Foca-se certas espécies de arquitetura, que supostamente foram símbolos e meios do poder exercidos pelos Portugueses na região. Uma delas é a ruína dum forte, apelidada de “fortaleza portuguesa”, e a outra um pequeno e discreto edifício, conhecido como “prisão portuguesa”. Para certas categorias da população local, estes edifícios são envoltos numa atmosfera misteriosa, e hoje objeto de orgulho para as autoridades locais e regionais, destinos de passeios turísticos e de viagens de estudo. Embora seja quase de excluir um papel histórico de “Portugueses” na construção e gestão destes edifícios, algumas outras expressões culturais na Minahasa têm, em parte, uma origem portuguesa, por regra mediante transferências indiretas através de outras zonas da Indonésia, principalmente as ilhas Molucas. Várias hipóteses tentativas serão apresentadas como explicação do lugar privilegiado dos “portugueses” na memória coletiva dos Minahasa.

Palavras- Chave: Minahasa – Portugueses - memória coletiva – história - arquitetura

* Professora da Universidade da Beira Interior e Investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – Polo Universidade do Minho (CICS.NOVA.UMinho) - schouten@ubi.pt . Os meus agradecimentos a Nono Sumampouw, pela provisão de certas informações a meu pedido, e a Cristina Venâncio, pela correção da língua portuguesa.

1.Introdução

No decorrer da minha estadia na Minahasa, no nordeste da Indonésia, por volta de 1980, deparei-me frequentemente com um certo entusiasmo por parte dos habitantes quando, mesmo de passagem, mencionava a palavra “Portugal” e a ligação pessoal que tinha com o país. Nas suas reações, alguns dos residentes locais referiam que, no passado, “os Portugueses” tinham habitado ali; outros afirmavam ser descendentes de portugueses. Num dos primeiros dias, fui levada a um edifício que, segundo os habitantes locais, tinha sido uma prisão portuguesa – como, aliás, estava indicado na placa afixada no muro. Com um certo espanto, observei os escombros envoltos em vegetação selvagem, em que deambulavam cabras, e as habitações modestas na vizinhança. Grande foi a minha curiosidade acerca do porquê da atribuição desta construção aos “Portugueses”. Mas nem a placa, nem os habitantes forneciam esclarecimentos pormenorizados, a não ser que, “em tempos idos”, o edifício tinha sido construído por portugueses, que aí mantinham presos rebeldes e criminosos.

Correspondendo essas declarações à verdade, isso poderia indicar um certo poder dos portugueses na zona. Tal poder apenas poderia ter sido exercido no século XVI, quando os lusitanos tiveram uma presença assinalável na parte oriental da Indonésia, em particular nas ilhas Molucas. Contudo, não existem indicações nas fontes escritas do meu conhecimento acerca de uma hegemonia militar ou política de portugueses na Minahasa ou em qualquer das outras zonas do norte da ilha de Celebes, atualmente denominada Sulawesi. Por outro lado, está bem documentado que, no século XVII, os espanhóis e depois a VOC (Companhia Holandesa das Índias Orientais) dispunham de suserania sobre a Minahasa e algumas regiões vizinhas.

As minhas pesquisas mais recentes em relação à Minahasa, já durante o século XXI, indicam que a suposta influência portuguesa ainda hoje é cotada positivamente. Alguns edifícios cuja origem é atribuída aos portugueses (incluindo a prisão referida acima) foram reabilitados, providos de placas informativas e publicitados em diversos sítios da internet. Entre outras ações, foi também realizado um restauro dos restos de uma fortaleza antiga, na costa ocidental, com a designação “Benteng Portugis”, ou seja, “fortaleza portuguesa”.

Neste texto, tenciono interpretar este e outros exemplos da pressuposta herança portuguesa na Minahasa. Para esse fim, impõe-se a inclusão de uma breve exposição sobre esta zona nos princípios da História moderna. Todavia, o objetivo principal do artigo não é uma exploração da história praticada pelos académicos, mas antes da memória dos habitantes da Minahasa, em particular dos que ali residem há já muitas gerações e que neste texto serão denominados de “os Minahasa”. Tendo em consideração o número de almas, que é por volta de um milhão e meio, os Minahasa podem andar despercebidos no vasto país que é a Indonésia, com os seus 260 milhões de habitantes. Contudo, ocupam um lugar

singular, devido à sua religião cristã e ao contacto secular com Europeus que deixou marcas na sua cultura.

O artigo baseia-se em experiências durante períodos de trabalho de campo em 1978, 1981-1983 e 2004. Além disso, foram conduzidas pesquisas bibliográficas e de arquivos e análises dos média regionais. Contactos recentes com residentes da Minahasa (tanto por correspondência, como por facebook) e entrevistas por correio eletrónico também forneceram dados preciosos. O aprofundamento da pesquisa sobre o tema começou apenas recentemente, estando ainda prevista uma deslocação para a zona. Sendo assim, este texto tem um carácter exploratório. Embora apresentemos algumas ideias e indicações interpretativas, trata-se mais de um registo de situações inesperadas e enigmáticas, do que de uma análise profunda.

A secção que agora segue versa o contexto histórico dos contactos dos portugueses com o norte de Sulawesi, tal como é documentado e problematizado em textos escritos. A secção seguinte coloca-nos de novo na contemporaneidade, apresentando diversas ocorrências durante o trabalho de campo em que a população partilhava comigo as suas memórias dos portugueses. De seguida, foca-se a atenção nalguns edifícios constantes do património arquitetónico chamado “português” e na atitude existente na Minahasa em relação a esse património. Na parte final contextualiza-se os discursos registados sobre os portugueses.

2. Primeiras influências portuguesas na Indonésia Oriental - um olhar sobre a história

Encontra-se extensamente relatado e debatido como os portugueses se aventuraram para o Sudeste Asiático no início do século XVI, com o objetivo principal de dominar a zona de produção de algumas das mais cobiçadas especiarias. Depois da conquista de Malaca em 1511, o almirante Afonso de Albuquerque deu logo início aos preparativos para uma expedição que devia explorar a rota para as longínquas ilhas das Molucas. A atenção comercial focava-se nas ilhas Banda, onde se produzia noz-moscada, e em algumas ilhas situadas mais a norte, entre as quais Ternate, o centro do cultivo do cravo-da-Índia. No século XVI, Ternate era o eixo de uma rede comercial ramificada e também a sede de um sultanato poderoso (Andaya,1993). (ver mapa 1).

A zona da Minahasa, cujo povoado principal é Manado, situa-se a cerca de 320 km a oeste de Ternate, mas os portugueses provavelmente pouco se interessaram por essa região por aí não se produzirem especiarias. Contudo, como consta nas fontes³, nas diversas zonas de Sulawesi havia outros produtos comerciais de valor, tal como ouro, cera apícola, resina e sândalo. Este “sândalo” não referia ao

³ Tais como reproduzidas em, por exemplo, Sá, 1955; Henley, 2005; Stokman, 1931.

Santalum album de Timor e Sumba, mas provavelmente ao *Pterocarpus indicus* (Watuseke, 1975:165).

Em 1522, após algumas visitas a Ternate, os portugueses fundaram nesta ilha a fortaleza de São João Baptista (Lobato, 2009:19), que serviria durante várias décadas como base de operações lusitana na Indonésia Oriental. Esta fortificação foi construída por decisão de Dom Manuel para assegurar a permanência portuguesa em Ternate, numa altura em que chegavam à ilha vizinha de Tidore membros da expedição espanhola de Fernão de Magalhães. Aguardando os resultados das deliberações Badajoz-Elvas, onde o antimeridiano da linha de Tordesilhas seria definido (ou seja, as regiões na Ásia Oriental que Portugal e Espanha podiam reivindicar), o comandante português em Ternate organizou expedições de reconhecimento a outros territórios. Gomes de Sequeira, por exemplo, fez uma grande viagem em direção a oriente, mas há indicações de que também alcançou uma zona setentrional da ilha de Celebes (Thomaz, 1995:90; São Luiz, 1841:148).

Mapa 1 - As ilhas Molucas, com partes das ilhas Sulawesi (a região de Minahasa), Timor e Nova Guiné.



Em 1534, após a conclusão do tratado de Saragoça, Espanha retirou-se oficialmente das ilhas Molucas. Os portugueses permaneceram até 1575 em Ternate, onde, devido ao contacto entre comerciantes provenientes de vários cantos da Ásia, o malaio e o português se desenvolveram como línguas de contacto e de prestígio. O sultão Hairun (r. 1535-1570) de Ternate sabia impressionar os seus súbditos e agradar aos Portugueses, vestindo-se à moda portuguesa e falando português. Houve, contudo, um elemento da cultura portuguesa que não encontrou recetividade entre os locais de Ternate: a religião cristã. Os líderes políticos das Molucas do norte, e com eles os seus súbditos, tinham-se convertido ao Islão no século XV, fazendo da região a “finisterra” do Islão, nas palavras de Luís Filipe Thomaz. As missões dos Jesuítas (entre eles, Francisco Xavier, em 1546-1547) nas ilhas Molucas não foram bem recebidas em Ternate e aumentaram as fricções com os portugueses, numa relação de convivência que nunca foi fácil.

Em 1563, o governador português de Ternate, aparentemente numa atitude pró-ativa e contrariando os planos de conquista do sultão de Ternate, enviou uma expedição militar e missionária para a zona da Minahasa, que resultou no batismo de 1500 habitantes e afastou a ameaça de Ternate⁴. Contudo, os portugueses não conseguiram manter-se neste sultanato e moveram-se para a ilha vizinha de Tidore, sendo que Ambon tornou-se a base de operações principal. A sua saída desta ilha, em 1605, significou o fim da presença militar e administrativa dos portugueses nas Molucas.

Não obstante, os vestígios dos portugueses iriam perdurar, em particular na região de Ambon, em aspetos como a religião, a música, o vestuário, a língua e os nomes. Hábitos e costumes semelhantes aos dos portugueses mantiveram-se em uso, conforme observado pelo naturalista Alfred Russel Wallace em meados do século XIX (1962 [1869]: 230-231), mais recentemente pelo embaixador Pinto de França (2004 [1970]), pelo historiador espanhol Florentino Rodao (1989:250) e por muitos outros.

Foi nomeadamente na língua que a influência portuguesa permaneceu em todo o arquipélago. Embora sem uma presença oficial portuguesa (à exceção de certas zonas de Flores e Timor), manteve-se vivo um português criouliizado como *língua franca* desde Sumatra à costa da Nova Guiné. Até finais do século XVIII, serviu como língua de contacto em meios comerciais, entre os descendentes de escravos oriundos de várias zonas da Ásia (e também da África), e, ironicamente, na cidade de Batávia, a sede central da VOC. Atualmente, o tipo do malaio que é a língua oficial da Indonésia (Bahasa Indonésia) reconhece múltiplas palavras com evidente origem portuguesa (Litamahuputty, 1998).

Voltando à Minahasa, reiteramos que as referências documentais a visitas de portugueses a esta zona são extremamente escassas. Entretanto, após a fundação de Manila em 1571, os espanhóis entraram em palco (Phelan, 1959). De todos os

⁴ Pormenores, a partir de cartas contemporâneas, em Lach, 2008, pp. 618-621 e nota 654.

poderes europeus ativos no arquipélago, a Espanha foi o primeiro a ter uma importância mais do que passageira no nordeste de Sulawesi. Durante algumas décadas do século XVII, registou-se uma presença intermitente de missionários e militares espanhóis que vinham das Filipinas ou da ilha de Sião (ao norte de Sulawesi) para obter mantimentos e pregar o Evangelho. A Minahasa tornou-se, deste modo, uma periferia distante de Espanha, situada na extremidade de uma cadeia que, via México, Oceano Pacífico e Filipinas, ligava aquele país ibérico ao atual nordeste da Indonésia.

Por outro lado, no século XVII, a VOC expandia a sua influência nas Molucas, começando a competir com Espanha pelos contactos comerciais com a Minahasa, e acabando por forçar os espanhóis a sair definitivamente da região em 1660, que pouco depois se retiraram para as Filipinas. Terminou assim a presença política ibérica nas ilhas Molucas e no norte de Sulawesi. Os holandeses (primeiro a VOC, mais tarde o governo das Índias Orientais Neerlandesas) eram agora o único poder europeu que restava nesta região, e o seu regime colonial na Minahasa seria forte e duro, desde o século XIX à primeira metade do século XX (Schouten, 1998).

3. Episódios do trabalho de campo

No período em que realizei trabalho de campo intensivo na Minahasa, no início dos anos 80 do século passado, tive de me adaptar ao reduzido valor que os habitantes locais atribuíam ao conceito de privacidade. Na aldeia isolada onde residia, a população e eu habituámo-nos uma à outra. Contudo, em contextos públicos fora da aldeia, aquando de primeiros encontros formais e eventos solenes, esperava-se que o meu marido e eu passássemos pelo ritual de “apresentação”, que constava de informação detalhada como nome, idade, local de nascimento, estado civil, número de filhos e religião. Nestas situações, a menção da minha nacionalidade neerlandesa, o país colonizador da Indonésia, suscitava emoções mistas, enquanto a origem portuguesa do meu marido originava sistematicamente reações de entusiasmo. Durante ou após um primeiro encontro, não era incomum as pessoas colocarem variadas questões, contarem um acontecimento ocorrido na sua terra relacionado com portugueses ou declararem que tinham antepassados lusos.

Alguns referiam-nos o seu apelido como prova da sua ascendência portuguesa. Em vários destes casos, eu depreendia que os nomes citados tinham, na verdade, a sua origem numa outra língua europeia. Mas é um facto que na Minahasa, principalmente nas povoações litorais, encontram-se com frequência apelidos neerlandeses (incluindo o meu) e portugueses e, com menor prevalência, apelidos ingleses e alemães. As pessoas em questão raramente queriam deixar passar a oportunidade de contar um aspeto da história da sua família ou a ligação, num passado longínquo, com os portugueses.

Algumas dessas histórias provavelmente tinham uma ponta de verdade. Por onde passaram, os portugueses relacionaram-se com mulheres asiáticas e, como tal, há hoje, com certeza, na Indonésia Oriental, inúmeras pessoas com uma distante ascendência portuguesa. No tempo da VOC, aos Euroasiáticos da Indonésia Oriental e seus descendentes era frequentemente atribuído o estatuto jurídico privilegiado de *burger* ou *vrije burgers* (neerlandês, significando respetivamente “cidadãos” e “cidadãos livres”). Com o passar do tempo, na Minahasa, a denominação deste grupo populacional foi adaptada para um termo mais fácil de pronunciar: “borgo”. Este termo é hoje geralmente considerado como sendo de origem portuguesa, o que se reflete na atual autoimagem dos Borgos e no modo como são considerados pela população à sua volta.

Testemunhámos várias outras situações em que habitantes da Minahasa queriam comprovar a sua afinidade com os portugueses. Algumas pessoas mostravam-nos objetos de cerâmica ou outros artefactos de cultura material pertencentes ao património familiar, aos quais atribuíam uma origem portuguesa. Os mais idosos enumeravam frequentemente as palavras do seu idioma tribal ou do dialeto de Manado⁵ que, na sua opinião, soavam como sendo portuguesas. Quando, no decorrer de algumas curtas viagens pela Minahasa, a nossa ligação a Portugal era dada a conhecer, éramos frequentemente encaminhados a pessoas da localidade a quem era atribuída uma origem portuguesa devido ao seu fenótipo ou, ocasionalmente, simplesmente pela alta estatura. Raramente foi referida a possibilidade de serem de ascendência holandesa, não obstante o facto de – pelo menos na contemporaneidade – a estatura média portuguesa ficar bastante aquém da dos holandeses.

4. O património arquitetónico

Na introdução deste artigo, referimos a “antiga prisão portuguesa” (*penjara tua portugis*), que já em 1978 estava devidamente identificada como tal. No século XXI, o interesse por este objeto tem crescido, pelo que é referido em brochuras turísticas, em jornais e no facebook. O edifício, que se situa na povoação de Kema, à costa leste (ver mapa 2), foi, segundo o jornal regional *Tribun Manado* de 4 de março de 2014, legado pelos portugueses: “Esta prisão representa um local de punição dos residentes que se opunham aos portugueses. Antes da construção desta prisão, os habitantes locais que contestavam os portugueses eram normalmente enviados para as ilhas Molucas e aí detidos”⁶.

⁵ Minahasa conta oito grupos etnolinguísticos, sendo ainda o dialeto de Manado (o malaio de Manado) a língua de contacto.

⁶ *Penjara Tua*, 2014. Tradução nossa.

Supondo que “as ilhas Molucas” é uma referência a Ternate ou mesmo Ambon (bases dos portugueses no século XVI), a última parte desta explanação pode ser correta. Por outro lado, a construção de uma prisão, ou simplesmente o aprisionar de pessoas, num edifício criado com tal objetivo, sugere uma supremacia no território da Minahasa de alguma duração com suporte em força militar, o que é implausível, tendo em conta as fontes históricas escritas, indicadas na secção 2 deste texto.

Ademais, o mencionar da resistência por parte da população leva a concluir que não se supõe que era só simpatia o que existia entre portugueses e a população local. O mencionado evoca uma imagem dos portugueses mais negativa do que a que nos foi transmitida pelos depoimentos pessoais supracitados. É de notar que, hoje em dia, o edifício prisional, com o seu telhado de zinco e muro estucado, não se distingue muito, pelo seu exterior, dos demais e não dá a impressão de uma construção secular.

Mapa 2 – Minahasa, com as vilas de Amurang (costa ocidental) e Kema (costa leste) e a cidade principal, Manado⁷



⁷ Fonte: <http://www.minahasa.net/images/map-minahasa.png>

Um edifício que apela mais à imaginação é o “forte português” em Amurang, uma vila junto a uma baía da costa oeste (ver mapa 2). Os fortes, fortificações ou fortalezas espalhadas pelas costas asiáticas tiveram um importante valor simbólico e instrumental na história. Foram construídos por entidades políticas, ou outras instituições envolvidas na expansão além-mar, como marcos do seu poder, locais de residência e para a defesa do seu território ou outros interesses. Assim por exemplo, na zona de Timor, os sucessivos fortes construídos em meados do século XVII perto do Cupão representavam a autoridade política dos portugueses e dos holandeses, enquanto o Forte Henricus na ilha de Solor era a residência e base de coordenação das atividades dos frades dominicanos (Barnes, 1987; Hägerdal, 2012:94-105; Lobato, 2009:63-64). Os fortes tanto podiam assumir a forma de uma simples construção de madeira como de uma imponente estrutura em pedra maciça, o que parece ter sido o caso do forte de Amurang, na Minahasa.

As ruínas deste forte foram-nos mostradas na década de 1980 por um residente local, conhecido estudioso da história regional. Localizada num bairro muito populoso, na verdade não se notava muito da estrutura, à qual se encostavam pequenas construções de madeira delapidadas, que eram locais de venda e habitações de pescadores da localidade. Acresce que, na altura, se realizava o mercado local à volta da velha estrutura, o que, juntamente com a azáfama e o lixo, dificultou uma inspeção mais minuciosa das ruínas.

Recentemente, órgãos governamentais melhoraram a visibilidade do forte e o acesso ao mesmo. Adjacente ao diminuto terreno ocupado pelos restos do forte, ainda se desenvolve o barulhento e agitado mercado. No entanto, o terreno à volta do forte foi pavimentado e delimitado com uma cerca. Durante uma dúzia de anos, um arco acima do portão de entrada, com graciosas letras em ferro forjado, assinalava “Benteng Portugis”. Há pouco tempo, este indicador foi substituído por um de pedra que refere, em letras maiúsculas, “Benteng Amurang”, ladeado pelos brasões da República da Indonésia e do *kabupaten* (distrito) de Minahasa Selatan. Um grande painel conta-nos que se trata de *Cagar Budaya* (isto é, património cultural) e indica particularidades dos trabalhos de restauração da estrutura. Esta é aqui chamada de “Benteng Amurang (Portugis)”, refletindo uma combinação das duas denominações em uso. No placar constam o adjudicador da obra e a origem do financiamento aos níveis local, distrital, provincial e nacional.

Agora já é claramente visível que se trata de ruínas de um edifício centenário, ao qual se pode aceder subindo uma escadaria de oito degraus que termina no primeiro andar, atualmente, na realidade, um telhado coberto de erva. Segundo consta da informação turística oficial, reproduzida na internet por um funcionário⁸, a altura dos degraus, que resulta numa escadaria acentuadamente íngreme, deriva da adaptação da mesma à grande estatura dos primeiros moradores, os portugueses.

⁸ <http://krestiangigir.blogspot.pt/2014/10/benteng-portugis-1512-amurang-kabupaten.html> (acesso em 31-3-2016).

Informação adicional é fornecida pelos habitantes das aldeias em redor (em entrevistas aos meios de comunicação), pela municipalidade local e pela informação turística em geral, dando a conhecer especificidades que atribuem um carácter misterioso à construção. Consta, por exemplo, que no terreno se encontram enterrados homens portugueses, cujas sepulturas são agora inacessíveis devido aos edifícios que, ao longo dos tempos, aí foram sendo construídos. Conta-se também que existe um túnel subterrâneo com ligação a uma capela dos portugueses e que esta se encontra sob a atual igreja protestante, localizada a algumas centenas de metros de distância. Ainda segundo as brochuras e sítios de internet, a função do edifício era a de acolher soldados e missionários de Portugal e a supervisão da região⁹.

Um historiador amador que vive perto do forte vai mais longe e defende ainda que o nome da vila foi dado pelos portugueses. Afirmo que o vocábulo “Amurang” tem origem nas experiências deste povo nas suas expedições junto ao rio Amur, na China, onde se envolveriam em comércio com chineses e japoneses. Ao depararem com a atividade intensa do comércio na povoação, os portugueses ter-se-ão lembrado da azáfama perto do rio da Ásia Oriental e ter-lhe-ão atribuído um nome semelhante (Benteng Portugis, 2013).

No contexto deste nosso texto, a inverosimilhança das conexões indicadas é de pouca importância, e, aliás, um fenómeno recorrente em pesquisas de história oral, principalmente quando se trata da interpretação de nomes. Mais interessante é a indicação implícita da importância do papel dos portugueses como uma nação comercial e do seu elevado estatuto enquanto residentes em Minahasa.

A maioria dos guias e sítios da internet afirmam que o forte data do início do século XVI, e há quem mencione explicitamente o ano de 1512 e o nome de António de Abreu. Este português foi o capitão da já referida expedição que, em finais de 1511, Albuquerque enviou de Malaca até ao leste da Indonésia. Sabemos que a sua rota, partindo de Java e Madura, seguiu para Buru e Amboina, nas Molucas Centrais, prolongando-se depois pela costa sul de Ceram até chegar a Banda, a ilha da noz-moscada. A partir de Banda, a expedição seguiu novamente em direção a Malaca, tendo nessa ocasião sido avistadas pela primeira vez algumas ilhas da zona de Timor.

Na ausência de indicações de que Abreu viajou mais para norte das Molucas Centrais, a referência, na Minahasa, ao ano de 1512 como sendo o da primeira visita de portugueses não parece correta, e ainda mais implausível será a fundação de uma fortaleza. Devemos, porém, assinalar a relevância do ano de 1512 para toda a Indonésia Oriental, pois significa o início da influência dos Ocidentais nesta zona.

⁹ <http://amurangminsel.blogspot.pt/2012/12/sejarah-benteng-portugis.html> (acesso em 24-4-2016); <http://krestiangigir.blogspot.pt/2014/10/benteng-portugis-1512-amurang-kabupaten.html> (acesso em 31-3-2016); <http://adrianuskojongian.blogspot.pt/2013/02/para-kepala-amurang.html> (acesso em 20-5-2016).

E estes Ocidentais foram pessoas que viajavam sob a bandeira portuguesa. Assim, 1512 é um marco na História, nas zonas de Timor e das Molucas, e também na Minahasa. Mas, nesta última zona as pessoas baseiam-se em história mitologizada, diferente da documentação escrita disponível para Timor e as Molucas (Garcia, 2000; Bernardino, 1984).

Tendo em consideração a ausência de uma relação demonstrável entre a fortaleza de Amurang e o ano de 1512 ou o nome de Abreu, seria relevante saber mais sobre a origem “verdadeira” deste forte. Na Indonésia, tem-se desenvolvido um grande projeto científico, reunindo arquitetos, historiadores e arqueólogos para a inventariação e descrição das centenas de fortes à beira-mar legados pelos portugueses, espanhóis, ingleses e neerlandeses. Da base de dados elaborada não consta a fortaleza de Amurang (Rinandi & Suryaningsih, 2015). Uma equipa de arqueólogos tem estado ativa em Amurang recentemente, mas ainda não pude apurar os resultados das suas explorações.

É crível que o edifício tenha uma origem ibérica, mas neste caso deve ser espanhola. Efetivamente, os castelhanos construíram uma fortaleza na Baía de Amurang (Godée Molsbergen, 1928:8) (Van Aernsbergen, 1925:25). Fontes históricas locais¹⁰ afirmam hoje que já não existem restos desse edifício, e indicam ainda que se situava na povoação de Kawangkoan Bawah, alguns quilómetros para sul da chamada “fortaleza portuguesa”. Esta localização é plausível, tendo em consideração a documentação sobre as atividades dos espanhóis na zona sul de Minahasa no século XVII (Godée Molsbergen, 1928:8-18). Esta fortaleza foi a última praça-forte a ser abandonada pelos espanhóis, em 1660 (Van Aernsbergen, 1925:25). Van Rhijn (1851:363), que visitou o local em 1847, constatou que desta fortaleza restava pouco mais do que uma ruína.

5. Pedacos de Portugal

Não obstante o carácter aparentemente efémero das visitas dos portugueses, e as muitas improbabilidades absorvidas pela memória coletiva, é um facto que os portugueses efetivamente contribuíram para o património cultural do norte de Sulawesi de vários modos. O melhor exemplo encontra-se no âmbito linguístico. No “malaio de Manado” que é, para muitos habitantes de Minahasa e até de outras zonas de Sulawesi, a primeira ou segunda língua usada no quotidiano, abundam os vocábulos cuja origem é nitidamente portuguesa, em número bastante superior aos existentes no Bahasa Indonésia oficial. Contudo, os linguistas afastam a hipótese de esta influência linguística ser uma consequência duma presença dos portugueses na zona de Manado. Referem que a origem do malaio de Manado deve ser procurada noutra zona da Indonésia Oriental: Ternate (Prentice, 1994:411; Stoel, 2005:8-10;

¹⁰ <http://amurangminsel.blogspot.pt/2012/12/sejarah-benteng-portugis.html>. (acesso em 24-4-2016).

Watusake & Watusake-Polliton, 1981:325-326). Significativo no malaio de Manado é o grande número de palavras originais da língua ternatana e a sua afinidade com o malaio tal como é falado nas Molucas setentrionais (a zona de Ternate). Por isso, os académicos geralmente localizam o começo do malaio de Manado nessa região onde, no século XVI, o malaio e o português eram línguas de contacto. Pessoas e grupos (por exemplo, os Borgo) que migraram de Ternate para o norte de Sulawesi levaram essa língua consigo e esta evoluiu-se de uma maneira própria no novo local de fixação. Sendo assim, o desenvolvimento do malaio de Manado resultou de uma influência indireta dos Portugueses, não necessitando de uma presença física destes em Manado ou no resto da Minahasa.

Voltemos à atitude contemporânea dos habitantes da Minahasa em relação aos portugueses, que, em certas circunstâncias parece uma forma ligeira de “lusomania”, termo cunhado por O’Neill (2003). Para uma explicação, consideremos o conceito de identidade na medida em que este pode ser aplicado na Minahasa.

Na Indonésia moderna, os Minahasa ocupam um lugar distinto que nem sempre tem jogado a seu favor. A sua região situa-se a milhares de quilómetros do centro de poder nacional, eles constituem uma minoria cristã e têm tido uma vivência relativamente próxima dos neerlandeses durante a época colonial (Henley, 1996; Schouten, 1998). Os Minahasa são assim considerados por outros indonésios (nomeadamente os javaneses) como “longínquos”, “diferentes” e ainda com certos defeitos. Em antecipação de, ou como reação a esta atitude, surgiram tendências na própria Minahasa em prol de transmitir para o exterior uma imagem positiva. Entre as características e factos apresentados como proeminentes, figura o papel de vários membros da etnia (que, lembremos, constitui apenas meio por cento do total da população da Indonésia) como protagonistas na luta pela independência da Indonésia e também em certas áreas científicas e culturais a nível nacional. Mas o método mais testado para fomentar a estima e a autoestima tem sido a promoção da unicidade da etnia, naquilo que é considerado a cultura tradicional (*adat*). Associações locais dedicadas ao canto e às danças típicas, estórias contadas e obras escritas sobre a mitologia e a história são numerosas em Minahasa. Durante o regime autoritário de Suharto (1966-1998), estas iniciativas eram estritamente controladas e usualmente limitadas às chamadas *performing arts* e à cultura material, por exemplo trajes e casas características. Para o efeito, instruções governamentais detalhavam o modo como as danças e as canções deveriam ser representadas (Acciaioli, 1985; Yampolsky, 1995).

Após a queda do regime de Suharto, a “procura” e a definição da identidade grupal intensificou-se. Contudo, em todas estas expressões culturais não se trata de um revivalismo de um passado distante. A título de exemplo, as danças rituais (*cakalele*, *kebesaran*), que são um cartão-de-visita da Minahasa, foram introduzidas das ilhas Molucas há menos de 200 anos (Kosel, 1998:87-89). Existe a dança

chamada *tari lenso* (dança com lenço), cuja origem não é clara mas que tem a sua denominação em comum com aquela aplicada a coreografias em muitas ilhas das Molucas, na ilha de Flores e em Timor. Os trajes femininos usados no *maengket*, a dança que é, de facto, autêntica de Minahasa e que celebra a colheita do arroz, são uma combinação de estilos de várias regiões.

Hoje, abundam as estátuas e outros tipos de monumentos referentes a heróis e episódios da mitologia de Minahasa; certos locais que figuram em mitos de origem do povo, tal como a *watu pinewetengan* (a “pedra de divisão” [em grupos com línguas diferentes]), são objeto de peregrinação maciça. Existe igualmente um certo orgulho pela gastronomia regional, que, juntamente com aquela de Padang (Sumatra), tem a reputação de ser a mais picante de toda a Indonésia. Os hábitos alimentares dos Minahasa incluem o consumo de especialidades como carne de cão, de cobra ou de morcego, e alguns Minahasa já declararam que a existência de *bushmeat* na ementa é um traço essencial que os distingue dos outros povos (sobretudo dos Javaneses) sendo, portanto, um marcador da identidade (Weichart 2004). É de assinalar que expressões da cultura “tradicional” dos Minahasa quase sempre incluem práticas cristãs (por exemplo, o acrescento de orações cristãs e leituras da Bíblia a um ritual). Assim, tenciona-se mostrar a compatibilidade entre “tradição” e “religião cristã” e apresenta-se implicitamente o cristianismo como um elemento principal da identidade dos Minahasa.

Em todo este empreendimento da representação da identidade, o contributo da suposta relação com os portugueses parece reduzido. Parte do interesse que tem pode ser derivada da associação dos portugueses com os “tempos longínquos”, sugerindo um longo período de contacto da Minahasa com os Ocidentais. Também é possível que os Minahasa não queiram ficar atrás de outros povos da Indonésia Oriental, os quais foram visitados pelos portugueses logo em 1512. Considerando a atenção extensiva dedicada à expedição marítima nesse ano¹¹ nos livros escolares do ensino básico, será porventura um tema familiar para a maioria dos indonésios, reclamando os Minahasa igualmente o seu lugar, embora modesto, neste episódio. As atividades dos espanhóis, que efetivamente tiveram mais contactos diretos com a Minahasa, são pouco conhecidas e reconhecidas a nível nacional. Aliás, os castelhanos limitaram a sua presença na atual Indonésia ao canto do arquipélago constituído pelas Molucas setentrionais e pelo norte de Sulawesi.

Uma hipótese adicional relaciona-se com o facto de os portugueses usufruírem de uma imagem de um povo pacífico e simpático, contrariamente aos holandeses da VOC e do período colonial. Nalgumas outras zonas do arquipélago, com património português evidente, este é valorizado e serve como fator de atração de turistas. Pode-se referir, neste contexto, as Molucas, a ilha de Flores e o bairro de Tugu, em Jacarta (Surachmat, 1990; Tan, 2016). Um caso especial é o dos Lamno, uma comunidade da costa ocidental de Aceh (Sumatra), conhecida como “zona de

¹¹ Por exemplo, Nurhayati, 2015:181-182.

peças de olhos azuis” (*mata biru*). Com efeito, alguns dos habitantes têm um fenótipo singular, o que pode indicar alguma influência europeia. Os meios de comunicação social e as brochuras salientam a existência de várias pessoas com olhos azuis, uma curiosidade biológica invariavelmente atribuída à passagem de portugueses, dezenas de gerações atrás¹². A escassa incidência de olhos azuis entre os portugueses (ao contrário de certos outros povos da Europa) não levou aparentemente a questionar essa explicação. Talvez se possa agrupar esta crença com as observações assinaladas na Minahasa, já referidas neste texto, sobre a estatura supostamente grande dos portugueses.

Uma explicação adicional das referências aos portugueses assenta em rivalidades existentes na Minahasa. Os habitantes que se supõe serem os originais desta área, dividem-se em oito grupos etnolinguísticos distintos, a maioria dos quais, por sua vez, compostos por comunidades mais pequenas, rivais entre si. Poucos meses após o fim do regime de Suharto, na Indonésia foi iniciado um processo de descentralização que implicou não só uma maior repartição administrativa do território, como também uma maior autonomia das diversas regiões relativamente ao governo central. Na competição adveniente, em que múltiplos conjuntos de comunidades se candidataram ao estatuto de unidade administrativa com autonomia, foram invocados argumentos de teor geográfico, cultural e histórico para fazer valer as diferentes pretensões regionais. Agora, tendo este processo de descentralização resultado na divisão da Minahasa em numerosas unidades governamentais, cada território esforça-se por sublinhar as virtudes do próprio distrito ou subdistrito. É, pois, possível que certos territórios invoquem uma ligação histórica com os portugueses, apontando diversas espécies de património, das quais as estruturas arquitetónicas são sem dúvida as mais impressionantes. Ainda no que diz respeito à hierarquia de famílias e pessoas, uma ascendência “portuguesa” pode aumentar o prestígio. São hipóteses hesitantes e ainda por verificar, mas, tendo em conta o alto nível de competição que tem caracterizado a sociedade e a cultura da Minahasa (Schouten, 1988; 1998), a existência de rivalidade e de procura de prestígio não será de descurar como fator explicativo.

6. Considerações finais

É certo que a Minahasa sofreu, nos séculos XVI e seguintes, uma influência portuguesa, a qual contudo não se deveu a uma presença prolongada dos lusitanos na zona, mas resultou primordialmente de ligações estabelecidas a partir das Ilhas Molucas. Os portugueses deixaram na Minahasa influências na língua regional, em expressões artísticas e até nos próprios habitantes, tendo alguns destes antepassados

¹² Exemplos da comunicação social na Indonésia: Makara, 2016; Hapsari, 2012; em Portugal: Portugueses de Aceh, 2014; Comunidade portuguesa, 2005.

longínquos portugueses ou com ligações a portugueses. Outros aspetos que segundo a população da Minahasa foram legados pelos portugueses tiveram, com um grau de certeza bastante elevado, uma origem diferente, por exemplo espanhola, holandesa ou indígena. A realidade cientificamente estabelecida diverge das representações coletivas assinaladas, nomeadamente aquelas à volta de edifícios antigos, que implicariam uma atividade intensa e uma certa hegemonia local por parte dos portugueses. O lugar privilegiado dos “Portugueses” e do adjetivo “português” na memória coletiva dos Minahasa de hoje, e os muitos enigmas e estórias relacionados com a sua suposta presença, devem ainda ser analisados no seu contexto. Comparações com estudos sobre o lugar destacado de portugueses nas representações existentes noutras zonas do Sudeste Asiático, por exemplo aqueles realizados por O’Neill (2003), Pires (2011) e Tan (2006) serão indispensáveis para uma apreciação informada dos fenómenos semelhantes encontrados na Minahasa. Resta também a questão sobre a origem e a verdadeira função dos edifícios que são oficialmente e popularmente associados aos portugueses. Investigações já em curso ou planeadas, no âmbito da antropologia, da história e da arqueologia podem deste modo dar um contributo a um conhecimento mais aprofundado sobre estes fenómenos.

Bibliografia

- Acciaioli, Gregory. 1985. Culture as art: from practice to spectacle in Indonesia. *Canberra Anthropology* 8: 148-172.
- Andaya, Leonard Y. 1993. *The world of Maluku: Eastern Indonesia in the early modern period*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- Barnes, R.H. 1987. Avarice and iniquity at the Solor Fort. *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 143: 208-236.
- Benteng Portugis. 2013. Benteng Portugis, saksi sejarah Amurang. *Kompas* 13-10-2013.
- Bernardino, Teresa. 1984. *Timor e a soberania portuguesa do descobrimento à revolta de 1912*. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional.
- Comunidade portuguesa. 2005. *Comunidade portuguesa de Aceh sobreviveu aos maremotos*. Em http://www.rtp.pt/noticias/pais/comunidade-portuguesa-de-aceh-sobreviveu-aos-maremotos_n6090#sthash.He2RwBTd.dpu (acedido 10-5-2016)
- França, António Pinto de. (1970) 2004. *Influência portuguesa na Indonésia*. Lisboa: Prefácio.
- Garcia, José Manuel. 2000. *Os primeiros mapas e desenhos portugueses da Indonésia. O Livro de Francisco Rodrigues (1512-1514)*. Jakarta/Lisboa: Yayasan Gedung Arsip Nasional RI/ CEPESA.

- Godée Molsbergen, E.C. 1928. *Geschiedenis van de Minahassa tot 1829*. Weltevreden: Landsdrukkerij.
- Hägerdal, Hans. 2012. *Lords of the land, lords of the sea. Conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800*. Leiden: KITLV Press.
- Hapsari, Endah. 2012. Subhanallah, cantiknya Muslimah 'Mata Biru' Aceh. *Republica* 9-4-2012.
- Henley, David E.F. 1996. *Nationalism and regionalism in a colonial context. Minahasa in the Dutch East Indies*. Leiden: KITLV Press.
- . 2005. *Fertility, food and fever. Population, economy and environment in North and Central Sulawesi, 1600-1930*. Leiden: KITLV Press.
- Kosel, Sven. 1998. "Die zu eins gemacht wurden": Gruppenidentitäten bei den Minahasa Nordsulawesis (Indonesien). *Tese de Mestrado*. Frankfurt am Main: J.W. Goethe – Universität.
- Lach, Donald F. 2008. *Asia in the Making of Europe, Volume I: The Century of Discovery*. Chicago: University of Chicago Press.
- Litamahuputty, Betty. 1997. Portuguese influence on languages in Indonesia, its rise and fall. In Schouten, Maria Johanna (org.) *A Ásia do Sudeste. História, cultura e desenvolvimento*. Lisboa: Vega, pp. 68-86.
- Lobato, Manuel. 2009. *Fortificações portuguesas e espanholas na Indonésia oriental*. Lisboa: Prefácio.
- Makara, Aldian. 2016. Kenali “Si Mata Biru” Keturunan portugis di Aceh Jaya Universitas Abulyatama, 23-3-2016 [<http://abulyatama.ac.id/?p=3608>, acedido 10-5-2016];
- Nurhayati, Siti S. Pd. 2015. *Buku Cerdas Ilmu Pengetahuan Sosial SD Kelas 3, 4, 5 dan 6: Ringkasan Terpadu Intisari dari Kamus Ips yang pastinya dibutuhkan semua Pelajar untuk mengatasi PR, UH, UTS, Semesteran, Kenaikan Kelas, Ujian Sekolah dan Olimpiade*. Jakarta: Lembar Langit Indonesia.
- O’Neill, Brian. 2003. Patrimónios sobrepuestos: A Lusomania entre os Kristang de Malaca. In Ramos, Manuel (org.), *A matéria do património: memórias e identidades*. Lisboa: Colibri, pp. 33-38.
- Penjara Tua. 2014. Penjara Tua Kema-Minut tempat terakhir Imam Bonjol ditawan, *Tribun Manado* 4-3-2014.
- Phelan, J.L. 1959. *The Hispanization of the Philippines: Spanish aims and Filipino responses, 1565-1700*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Pires, Ema. 2011. *Paraísos desfocados: Nostalgia empacotada e conexões coloniais em Malaca. Tese de doutoramento*. Lisboa: ISCTE.
- Portugueses de Aceh conhecidos como “olhos azuis” em extinção. *Observador* 23-12-2014.
- Prentice, Jack. 1994. Manado Malay: Product and agent of language change. In Dutton, Tom e Tryon, Darrell T. (orgs.), *Language contact and change in the Austronesian world*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 411-441.

- Rinandi, N. & Suryaningsih, F. 2015. *Inventory of Forts in Indonesia. Versão online* <http://www.isprs-ann-photogramm-remote-sens-spatial-inf-sci.net/II-5-W3/263/2015/>. doi:10.5194/isprsannals-II-5-W3-263-2015 (acesso em 30-03-2016)].
- Rodao, Florentino. 1989. Restos de la presencia ibérica en las islas Molucas. In: Florentino Rodao & Leoncio Cabrero (orgs.), *España y el Pacífico*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional en colaboración con la Asociación de Estudios del Pacífico, pp. 245-254.
- Sá, Artur Basílio de (org.). 1955. *Documentação para a história das missões do padroado Português do Oriente. Vol. 3: Insulíndia, 1563-1567*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca.
- S. Luiz, Francisco de. 1841. *Índice chronologico das navegações, viagens, descobrimentos, e conquistas dos portugueses nos paizes ultramarinos desde o principio do seculo XV*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Schouten, Maria J.C. 1988. The Minahasans: eternal rivalry. In: De Jonge, N, Dekker, V. e Schefold, R. (orgs.), *Indonesia in focus*. Meppel: Edu'Actief, pp. 116-121.
- 1998. *Leadership and social mobility in a Southeast Asian society. Minahasa, 1677-1983*. Leiden: KITLV Press.
- Stoel, Ruben. 2005. *Focus in Manado Malay. Grammar, articles, and intonation*. Leiden: CNWS Publications.
- Stokman, S. 1931. De Missies der Minderbroeders op de Molukken, Celebes en Sangihe in de XVIe en XVIIe eeuw. *Collectanea Franciscana Neerlandica* 2: 499-556. 's-Hertogenbosch.
- Surachmat, Dirman. 1990. Tugu: Jejak budaya koloni Portugis, in: Edi Sedyawati (org.), *Monumen: Karya persembahan untul Prof. Dr. R. Soekmono*. Depok: Lembaran Sastra, Fakultas Sastra Universitas Indonesia, pp. 334-350.
- Tan, Raan-Hann. 2016. *Por-Tugu-Ese? The Protestant Tugu community of Jakarta, Indonesia. Tese de doutoramento*. Lisboa: ISCTE.
- Thomaz, Luís Filipe. 1995. The image of the Archipelago in Portuguese cartography of the 16th and early 17th centuries. *Archipel* 49: 79-124. Paris.
- Van Aernsbergen, A.J. 1925. De Katholieke kerk en hare missie in de Minahasa. *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 81: 8-60. Leiden.
- Van Rhijn, L.J. 1851. *Reis door den Indischen archipel in het belang der evangelischen zending*. Rotterdam: Wijt.
- Wallace, Alfred Russel. 1962 [1869]. *The Malay Archipelago. The land of the orangutan and the bird of paradise. A narrative of travel, with studies of man and nature*. New York: Dover Publications.
- Watusseke, Frans S. 1975. On the name Celebes. *Asian Profile* 3, 2: 165-171. Hong Kong.
- Watusseke, F.S. & Watusseke-Politon, W.B. 1981. Het Minahasa- of Manado-Maleis. *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 137: 324-346. Leiden.

- Weichart, Gabrielle. 2004. Minahasa identity: A culinary practice. *Antropologi Indonesia* Special Volume: 55-74. Jakarta.
- Yampolsky, Philip. 1995. Forces for change in the regional performing arts of Indonesia. *Bijdragen van het Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde* 151, 4: 700-725. Leiden.